EXPO 1996

Vitrine da aldeia global

A Internet sedia a Exposição Universal da Era da Informação

PETER MOON

PEDRO AGILSON

Malamud e o portão de entrada da mostra: 100 milhões de visitantes

Entre 1851 e 1893, várias metrópoles da Europa e Estados Unidos sediaram uma Exposição Universal. Na época, quando a Revolução Industrial corria a todo vapor, aquelas exibições serviam de vitrine para as novas tecnologias. Assim, milhões de visitantes, como Dom Pedro II, se acotovelaram em 1876 na Feira de Filadélfia para conhecer uma máquina que falava, o telefone. Na Feira de Paris, em 1889, foi inaugurada a torre Eiffel, estrutura de aço que desafiava a gravidade e mostrava a pujança da engenharia. Mas às portas do ano 2000, a Revolução Industrial é passado. Hoje, 5,6 bilhões de pessoas começam a conviver com as conquistas da Revolução Digital: videofones, realidade virtual, inteligência artificial etc. Estas tecnologias serão tema da Exposição Universal de 96. A mostra, contudo, não ocorrerá em nenhuma metrópole, mas na Internet, a rede mundial de computadores.

"O crescimento explosivo da Internet mostra que ela é tão fundamental como a eletricidade e o telefone", declara Carl Malamud, 36 anos, autor do evento cibernético. "Dentro de alguns anos, todos os computadores do mundo estarão conectados à rede. A Internet 1996 World Exposition será o primeiro parque público da aldeia global." Malamud esteve no Rio para participar de um encontro de físicos, o CHEP 95 – Computing in High Energy Physics. E aproveitou para divulgar a Exposição Virtual, organizada por sua empresa, a Internet Multicasting Service, de Washington-DC, que pretende faturar na feira com a venda de publicidade virtual. Segundo Malamud, a feira não será voltada somente para o público da informática. "A meta é mostrar os avanços das telecomunicações para os povos do planeta." O economista americano espera até o fim de 96 ver passar por suas catracas virtuais todos os 100 milhões de habitantes dos 150 países que estarão conectados à Internet no ano que vem (hoje são 50 milhões e serão 800 milhões no ano 2000).

Ao visitar a mostra, um micreiro no Brasil, por exemplo, poderá contactar um computador na Inglaterra e andar pelo interior do Palácio de Cristal, estrutura de aço e vidro erigida para celebrar a Exibição de Londres de 1851. Como esta construção foi destruída pelo fogo em 1936, a façanha do passeio virtual só será possível graças ao Imperial College, tradicional universidade londrina. Seus cientistas usam a computação gráfica para reconstruir o Crystal Palace e colocá-lo na Internet. Em março passado, o presidente americano Bill Clinton anunciou seu apoio à iniciativa de Malamud. Seu vice, Al Gore, chegou a comparar a mostra via Internet a uma "torre Eiffel do século XXI". Segundo ele, o Pavilhão da América terá uma enorme quantidade de informações econômicas e culturais do país. Na Ásia, os governos do Japão, Coréia do Sul, China, Cingapura e Malaísia aderiram ao evento e prometem montar seus pavilhões. Um restaurante de Bangcoc quer mostrar as delícias da culinária tailandesa aos gourmets do planeta. Haverá também estandes especializados em educação, como o Pavilhão Escola Global, além de balcões de negócios para empresas de todos os ramos. Os estandes mais frequentados prometem ser os das multinacionais. Mais de 100 empresas japonesas estão dando os últimos retoques em suas estruturas virtuais. Só a Sony investe US$ 10 milhões no projeto.

ALFER

A Feira Mundial da Idade da Informação abre em 1º de janeiro. Mas os curiosos não precisam esperar até lá. O hall de entrada deste Palácio de Exposições no cyberspace já existe. Foi batizado de Central Park e, para acessá-lo na Internet, basta digitar o endereço http://park.org/fair. A entrada é grátis. Todas as vezes que se quiser visitá-lo. ■